

Pesquisa ao pé da letra: estudos da escrita no PPGD-UEMG

Research to the letter: studies of writing at PPGD-UEMG

Sérgio Antônio Silva
Ana Cláudia Campos da Cunha Mello
Vinícius Cabral Ribeiro

Resumo: Este artigo pretende realizar uma síntese de produções acadêmicas dos membros do grupo de pesquisa *-grafia*: estudos da escrita, na conjuntura dos treze anos do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGD-UEMG). Perpassando o conceito de escrita, a origem do *-grafia* e os trabalhos, devidamente esmiuçados, o artigo tem o propósito de documentar e aglutinar informações, antes dispersas em memórias e repositórios virtuais, dos estudos da escrita no âmbito da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Após a apresentação do *-grafia* e seu contexto de criação, dissertações e teses orientadas no contexto da temática analisada são citadas e examinadas. Por fim, salienta-se que os estudos da escrita, de forma geral, e o trabalho desenvolvido pelo *-grafia*, especificamente, são substanciais para a sobrevivência e resistência da escrita como atividade humana profundamente ligada, a partir da era moderna, ao design em diversas de suas disciplinas específicas.

Palavras-chave: *-grafia*; escrita; design; pós-graduação.

Abstract: *This article intends to carry out a synthesis of the academic works of the members of the research group -grafia: writing studies, in the context of the thirteen years of the Postgraduate Program in Design at the State University of Minas Gerais (PPGD-UEMG). Passing through the concept of writing, -grafia's origin and the academic works, both duly examined, the article has the purpose of documenting and gathering information that were dispersed within memories and virtual repositories of writing studies within the scope of the School of Design of the State University of Minas Gerais After -grafia's introduction and its creation context, dissertations and theses academically oriented in the context of the analyzed theme are mentioned and examined. Finally it is emphasized that writing studies, in general, and the work developed by -grafia, specifically, are substantial for the survival and resistance of writing as a human activity deeply linked from the modern era to design in several of its specific subjects.*

Keywords: *-grafia; writing; design; postgraduate studies.*

Introdução

Este artigo concentra-se em uma retrospectiva de trabalhos de mestrado e doutorado produzidos no contexto do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGD-UEMG) por membros do grupo de pesquisa *-grafia*: estudos da escrita. O conceito de grafia foi o fio condutor das análises realizadas. O tema, em uma perspectiva ampla, encontra-se presente em projetos de pós-graduação – mestrado e doutorado – na instituição a partir de diversos aspectos, alguns dos quais serão abordados neste artigo, nos itens seguintes.

São teses e dissertações, concluídas ou em andamento, que lançam luz sobre as férteis associações entre design e escrita, trazendo abordagens que desenvolvem desde um panorama histórico das escritas humanas, até suas manifestações na era moderna – pós-revolução industrial. O design, como disciplina intrinsecamente vinculada à era moderna industrial, projetou formas sofisticadas e avançadas de reprodução da escrita, passando pelas mídias impressas e eletrônicas e adentrando no universo digital – que marca profundamente o século XXI. Nessa trajetória, cabe investigar como a escrita pode ser compreendida como atividade humana milenar que, mesmo diante de grandes transformações, preserva suas características expressivas como uma manifestação sociocultural e técnica imprescindível para o desenvolvimento das sociedades modernas.

Assim, as pesquisas elencadas apresentam um conjunto de estudos que reforçam a importância do registro e divulgação das múltiplas técnicas de escrita e dos sentidos produzidos por essas técnicas – isto é, para além das análises históricas e conjunturais que partem da escrita como atividade, é elucidativo lançar luz sobre como ela organiza as sociedades e ajuda a explicar particularidades culturais e estruturas de pensamento mobilizadas na comunicação. Não se trata apenas de analisar a dimensão do uso de diferentes *tipos* em publicações associadas ao design gráfico, por exemplo, mas de compreender a ação da escrita de forma mais ampla e a necessidade de se projetar conceitos que considerem a história da escrita humana e as possibilidades (constantemente ampliadas) de registro, reprodução e criação de novas tendências gráficas para a atividade.

São leituras, portanto, que abordam conceitualmente as ideias de *escrita e grafia*, no intuito de destacar a importância da apropriação desses conceitos para a atuação no design contemporâneo e também para o trabalho com a memória e o patrimônio material. Nesse sentido, é possível afirmar também que os textos desenham associações com outras disciplinas, reafirmando a ideia da escrita como algo transversal, múltiplo e de fundamental importância histórico-cultural.

Por que *-grafia*?

De início, cabe a pergunta: o que diferencia o que se chama de *escrita*, do conceito de *grafia*? Como Luís Eduardo Morici (2017) destaca muito bem em seu texto, a escrita origina-se de uma atividade quase lúdica associada a desenhos abstratos de ícones de significações bastante amplas. A evolução das sociedades exigiu a transformação desses desenhos em estruturas mais rígidas e simbólicas de *grafos*, que representavam letras e palavras (como no caso das principais línguas alfabéticas) ou conceitos concretos icônicos de caráter abstrato (como no caso das sociedades orientais que utilizam até hoje ideogramas)¹. Ou seja, enquanto a escrita aborda um sem-número de possibilidades representativas, a grafia transforma essas possibilidades em um

¹ Este artigo baseia-se em uma compreensão semiótica sobre os tipos, e considera os estudos de Campos (1977) sobre características da escrita icônica oriental e sobre o caráter simbólico (arbitrário) da escrita ocidental.

conjunto inteligível de representações, o que permite com que a grafia adote, inicialmente, uma instrumentalidade fundamental para a comunicação humana. O que não significa dizer, como a dissertação de Morici (2017) destaca, que os grafos possuem uma imutabilidade. Eles podem conduzir sentidos que extrapolam a mera tradução de determinado conceito, e é por esse lado que o design deve ser compreendido como ferramenta potencializadora da grafia.

-grafia: estudos da escrita, o nome do grupo, se apropria dos dois termos em questão, ainda com o traço, como se a marcar algo anterior à própria noção de grafia, além de indicar a ideia de composição de outras palavras, a partir do elemento *-grafia*, como na Figura 1. Liderado pelo professor Sérgio Antônio Silva, o grupo, criado em 2012, busca, desde o seu início, demarcar uma área de atuação – a dos estudos da escrita –, mantendo, porém, um arranjo multidisciplinar, com interseções nos estudos em design, estudos literários, estudos linguísticos, estudos editoriais, estudos filosóficos etc. Diante de certa amplitude de temas, a definição de linhas de pesquisa dentro do grupo ajuda a compor recortes mais ou menos especializados. Assim, o grupo, tal como organizado para registro no CNPq, com a devida certificação da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UEMG, possui quatro linhas: 1) estudos da escrita; 2) escutas da escrita; 3) caligrafia, tipografia e práticas editoriais e 4) patrimônio e memória gráfica (SILVA, 2022b).



Figura 1: *-grafia*
Fonte: Acervo do grupo
-grafia, 2022.

A primeira linha, cujo nome coincide com o do próprio grupo, volta-se a teorias da escrita e da tipografia, seja pela perspectiva da semiótica, da linguística, da filosofia ou de outras abordagens que sistematizam e analisam a manifestação gráfica. Aborda, entre outros, aspectos relacionados à cultura material, analisando os meios de produção, circulação e consumo da escrita, ao longo da história da humanidade.

A segunda linha, “Escutas da escrita”, surge no âmbito de uma pesquisa específica, ligada à educação indígena em Minas Gerais e à consequente produção editorial para escolas indígenas, e se volta para contextos de escritas historicamente preteridas e até mesmo desconsideradas pelo pensamento colonialista ocidental. Nesta linha, entende-se como escrita a fixação de qualquer marca, como instituição durável de qualquer signo² e que descreve relações e não denominações. Os estudos nela desenvolvidos buscam colaborar com o pluralismo epistemológico dos espaços acadêmicos, dando visibilidade e audibilidade a escritas que resistiram ativamente e permanecem operantes em diversas comunidades, sobretudo, no contexto do Brasil e da América Latina.

“Caligrafia, tipografia e práticas editoriais” é uma linha voltada aos estudos e à prática em caligrafia, tipografia e edição, elementos essenciais do processo capaz de dar forma visível e duradoura ao pensamento e à linguagem humana. No âmbito da caligrafia, cabe à linha de

2 A ideia de “signo” é compreendida no contexto deste artigo em uma conceituação mais ampla da semiótica, e em suas definições defendidas tanto pelas ideias de Ferdinand de Saussure, quanto pelos estudos de Charles Sanders Peirce.

pesquisa investigar os inúmeros fundamentos que ainda persistem subjacentes aos processos de escrita da atualidade, suas relações com os universos da comunicação, do design e da arte, e como esses conceitos e princípios, se compreendidos e praticados, contribuem para a criação de novas formas de expressão escrita na produção contemporânea. A tipografia, por sua vez, refere-se ao componente visual da escrita, portanto, assentam-se aqui, além da própria caligrafia, o *lettering*, o design de tipos (*type design*) e, por fim, a edição como elemento que produz e reporta a interação entre a matéria verbal e visual.

Finalmente, “Patrimônio e memória gráfica” apoia-se em duas frentes de trabalho. A primeira encontra-se instalada na Escola de Design da UEMG: o Laboratório de Tipografia – TipoLab, cujo acervo permite a pesquisa e a prática em impressão com tipos móveis, juntamente com o trabalho de conservação e curadoria. Além disso, conecta o grupo a outras frentes análogas, locais, regionais, nacionais e internacionais, com destaque para a atuação de membros do *-grafia* na Rede Latino-americana de Cultura Gráfica. A outra frente trata da pesquisa de impressos em acervos. Em especial, busca desenvolver pesquisas em acervos belo-horizontinos, como, por exemplo, o setor de Coleções Especiais da Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa; os Acervos Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG; o Arquivo Público Mineiro; o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte; o Instituto Cultural Amilcar Martins, além de coleções particulares. Nesse sentido, dialoga com outros grupos de pesquisa em memória gráfica brasileira.

Antes de adentrar a produção propriamente dita do *-grafia*, é pertinente sublinhar o percurso, no contexto da Escola de Design, do professor Sérgio Antônio Silva. O professor ingressou como docente da Escola de Design da UEMG, em 2009, divergindo somente de forma superficial de sua formação em Letras – graduação, mestrado e doutorado –, já que advinha do campo de estudos literários com fundamentos em edição e artes gráficas (SILVA, 2022a). Essa entrada tem a ver com a formação inicial do corpo docente do recém-criado PPGD-UEMG. Porém, sua atuação na escola não se restringiu ao programa, tendo ele assumido também a disciplinas na graduação, sobretudo no curso de Design Gráfico, e se tornado integrante do Laboratório de Design Gráfico (LDG), onde conheceu a tradição de estudos e práticas em tipografia na Escola de Design, delineada especialmente pelo professor Silvestre Rondon Curvo (*in memoriam*). Rondon, juntamente com Roberto Luiz Marques, que à época era professor da Escola de Design, fundaram o Núcleo de Tipografia (NUTI), certamente um embrião do que viria a ser o Laboratório de Tipografia (TipoLab), que será abordado mais adiante.

No PPGD, a primeira orientação de mestrado do professor Sérgio Antônio Silva foi justamente associada ao tema da tipografia, com a pesquisa de Sérgio Luciano da Silva. Nessa mesma época, Sérgio Antônio e Sérgio Luciano, juntamente com Luciana Guizan Aureliano e Felipe Domingues (ambos alunos de mestrado do PPGD, à época), tiveram a iniciativa de criar um grupo de pesquisa com temáticas voltadas àquilo que nomearam de “estudos da escrita”. Eis que surge, assim, o grupo *-grafia*, que logo contou, de forma inaugural, com a participação de outros professores da Escola de Design associados ao LDG (Cláudio Santos Rodrigues e Ricardo Portilho Mattos), mais um aluno do mestrado (Emerson Nunes Eller) e dois da graduação em Design Gráfico, Luís Eduardo Campos Morici e Paula Cristina Pereira Silva.

Concomitante ao estabelecimento do *-grafia*, em 2012 foi cadastrado, no CNPq, um grupo liderado pela professora Rita Ribeiro: Design e Representações Sociais. A convite de Rita Ribeiro,

o grupo *-grafia*: estudos da escrita fixou-se, então, como uma linha de pesquisa do grupo Design e Representações Sociais. Com o passar dos anos, o crescimento do número de integrantes do *-grafia* e a titulação de mestres e doutores incentivou Silva a cadastrá-lo no CNPq, em 2021 (SILVA, 2022a), contando atualmente com dezesseis membros entre doutores, doutorandos, mestres, mestrandos, graduados e graduandos em Design e áreas afins.

É importante destacar que, mesmo antes da formalização do grupo junto ao CNPq, os esforços para a devida instrumentalização dos estudos já estavam em curso. Nesse sentido, foi criado, em 2016, o Laboratório de Tipografia – TipoLab, como um segmento do LDG. Foram adquiridos e tomados de empréstimo acervos de tipos móveis e equipamentos de origens variadas, tais como: Frente Verso Encadernações e Editora; Casa de Artes e Ofícios Bichinho Gritador; Tipografia Kosmos; Tipografia Liberdade; Tipografia do Zé e Tipografia Souza / Alê Fonseca (NÚCLEO, 2022). Montado por Sérgio Antônio Silva, Cláudio Santos Rodrigues e Ricardo Portilho Mattos, o TipoLab é um lugar de

experimentação gráfica, numa compreensão da tipografia como uma disciplina a se expandir em direção à mescla de materiais, processos e linguagens. Seguimos com o propósito de repassar o ofício aos alunos na lógica do aprender fazendo, junto aos mestres e apaixonados pelos tipos móveis, interligando o passado e o presente, entendendo a tecnologia digital como mais uma via de acesso e mais uma ferramenta de trabalho em conexão com diversas instituições (NÚCLEO, 2022, p. 1).

Enfim, ações com essas acabaram por dar corpo a um grupo com um mesmo interesse numa área específica, dentro de uma escola de design, que aqui estamos chamando de estudos da escrita, e que tem se expandido como uma rede, encontrando pontos de apoio em outras instituições e pesquisas nacionais e internacionais.

Dissertações e teses

Das vinte e nove dissertações e teses concluídas ou em andamento, no PPGD-UEMG,³ com a orientação do professor Sérgio Antônio Silva, quinze delas são de autoria de membros do grupo *-grafia*. Este, então, será o critério para uma breve apresentação do que consideramos ser a presença do grupo no PPGD-UEMG. Obviamente, as outras catorze pesquisas que não entram na seleção têm alguma relação com os temas abordados pelo grupo, direta ou indiretamente.⁴

Coincidindo com o início do *-grafia*, temos uma dissertação de 2011, ou seja, da primeira turma do Mestrado em Design do PPGD-UEMG, dois anos após o seu início. Trata-se do trabalho intitulado *Faces e fontes multiescrita*: fundamentos e critérios de design tipográfico, de Sérgio Luciano da Silva, já citado. Com uma sólida formação em Filosofia, Sérgio Luciano trouxe para o design uma indagação bastante original: a influência da escrita latina sobre a grega, num contexto

³ Para sermos mais exatos, seriam 30 pesquisas, somando a tese de Emerson Nunes Eller defendida no curso de Doutorado em Belas-Artes, especialidade Design de Comunicação da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (sobre a qual falaremos mais adiante), que contou com a coorientação do professor Sérgio Antônio Silva.

⁴ Podemos citar aqui, a título de exemplo e sem prejuízo das demais, as teses de Liza Dantas Noguchi, *Música gráfica*: a contribuição do mineiro Noguchi ao design gráfico brasileiro por meio das capas de disco das décadas de 1970 e 1980; e de Cristiane Gusmão Nery, *Imagens cruzadas*: design gráfico e montagem cinematográfica na edição de fotolivros; e as dissertações de Sérgio Roberto Lemos de Carvalho, *O design tipográfico e suas aplicações*: dos movimentos urbanos ao design estratégico; e de Ivy Francielle Higino Martins, *Semiótica peirciana como fundamento teórico-metodológico do design para a concepção gráfica de marcas*.

tecnológico de desenvolvimento de tipografias digitais de alcance global. O “filógrafo” do grupo trouxe, ainda, alguns aspectos que merecem atenção, como o rigor com a nomenclatura, a definição de conceitos e um estudo de caso de uma tipografia por ele mesmo desenvolvida. Além da dissertação, a pesquisa rendeu a publicação de artigos sobre o tema, em renomadas revistas, o que fez com que o trabalho se tornasse uma referência na área. Em 2012, a dissertação recebeu menção honrosa no 26º Prêmio Museu da Casa Brasileira, na categoria trabalhos não publicados. Após esse prêmio, o texto foi publicado em formato eletrônico com o selo da Adequatio.⁵ Abaixo transcrevemos a descrição da dissertação pelos jurados do Prêmio:

O trabalho, muito bem elaborado, traz um tema ainda pouco explorado nas pesquisas acadêmicas: a tipografia. A partir de uma extensa revisão bibliográfica, a tese de mestrado propõe novos critérios para a criação de fontes em mais de uma escrita. Considera seus aspectos estéticos, ópticos e de legibilidade, leitura, percepção e compreensão. Vai além das questões técnicas e explica como recuperar as variações presentes nas escritas antigas, que se perderam ao longo do tempo devido a recursos de reprodução limitados.⁶

Em 2014, Emerson Nunes Eller conclui a dissertação *Letras do cotidiano*: a tipografia vernacular na cidade de Belo Horizonte. Esta pesquisa colocou o grupo num circuito já consolidado de pesquisas sobre o tema, com nomes nacionalmente reconhecidos como Priscila Farias, Fátima Finizola, Mariana Hennes Sampaio, Mariana Rodrigues, entre outros. Ao recolher e analisar os letreiramentos de uma determinada região da cidade de Belo Horizonte, MG, a pesquisa gerou a tipografia chamada *Sucata*. Além disso, a dissertação de Eller ficou entre as finalistas, na categoria Trabalhos não publicados, no Prêmio Museu da Casa Brasileira, em sua 28ª edição.

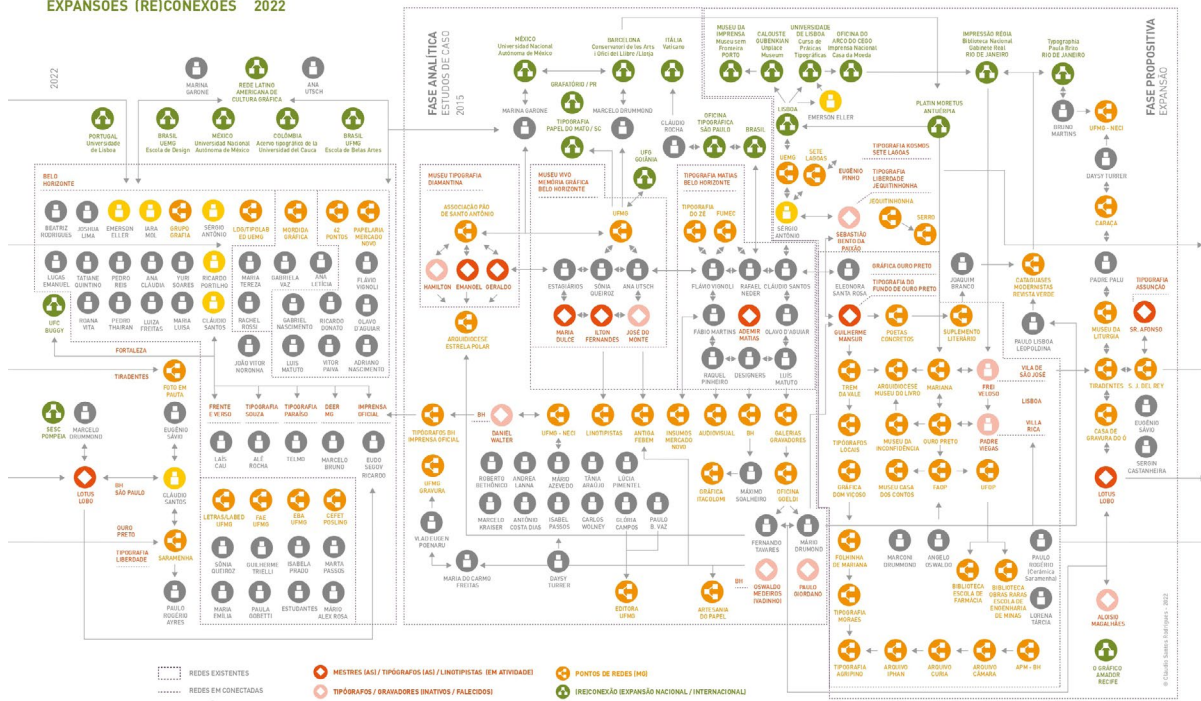
Em 2015 é defendida a dissertação intitulada *Design aplicado às tecnologias de rede colaborativa*: projeto para difusão da memória coletiva da tipografia em Mariana e Ouro Preto. De autoria de Cláudio Santos Rodrigues, esta é outra dissertação que embasa boa parte das ações do grupo, principalmente por conta de sua proposta metodológica de construção, com ferramentas do design da informação, de uma *rede tipográfica*, como na Figura 2. A ideia de uma rede aberta e sempre em expansão, com destaque para os mestres tipógrafos e os lugares onde ainda se imprime com tipos móveis tem se mostrado profícua num contexto de pesquisas e práticas que envolvem patrimônio e memória gráfica.

⁵ Disponível em: <https://facefontes.wordpress.com>

⁶ https://mcb.org.br/pt/design_mcb/15940/

REDE TIPOGRÁFICA

EXPANSÕES (RE)CONEXÕES 2022



Abrindo um parêntese, o ano de 2015 marca também o retorno do professor Sérgio Antônio Silva de um pós-doutorado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O projeto desenvolvido nesse período intitulava-se “Memória da escrita: a tipografia do Arco de Cego, de Lisboa a Vila Rica” e teve a supervisão do professor João Luís Lisboa, do Centro de História da Cultura dessa Universidade. Entre outros resultados, a pesquisa gerou a reedição, pela Editora UEMG, da versão portuguesa do *Tratado da gravura* de Abraham Bosse,⁷ cuja tradução fora feita por José Joaquim Viegas de Menezes, mais conhecido como Padre Viegas e considerado o pai da imprensa mineira, já que publicou, em Vila Rica (atual Ouro Preto), em 1806, um livro calcográfico considerado o primeiro livro impresso em Minas Gerais.⁸ Esse feito não só agradou aos gravadores e pesquisadores da história do impresso e da impressão no Brasil, como também promoveu um recuo no tempo, colocando o padre Viegas, já em 1801, como um tradutor e editor.

Figura 2: Rede Tipográfica
Fonte: RODRIGUES, 2015.

Em 2017 outras duas importantes dissertações são defendidas, indicando o caminho de consolidação do grupo: *O signo verbal e o signo visual*: momentos da semiótica no design de tipos, de Luís Eduardo Campos Morici, traz para a pesquisa em design a semiótica baseada no legado de Ferdinand de Saussure (uma retomada inusitada, porém muito bem-sucedida, deste autor que costuma ficar restrito aos estudos linguísticos), com um apuro teórico e uma precisão analítica singulares. A dissertação gerou um artigo intitulado “Possibilidades de significação do tipo: considerações semióticas e históricas sobre os signos tipográficos”, apresentado no 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, em 2016, e publicado pela editora Blucher, nos

7 <https://editora.uemg.br/component/k2/item/89-tratado-da-gravura>.

8 Trata-se do *Canto encomiástico* de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, livro raríssimo (tem-se notícias de apenas quatro exemplares, atualmente) do qual contamos com uma reedição de 1986, com estudos críticos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha.

Anais. Esse artigo tem boa métrica de acessos desde então, o que nos indica que se tornou uma referência em estudos da área.

Também de 2017 é a dissertação *A letra viva da floresta: a iconografia como guia do design tipográfico Maxakali*, de Paula Cristina Pereira Silva. Esta pesquisa parte de um contexto de produção editorial voltada às escolas indígenas de Minas Gerais e avança para uma área tão própria que, ao registrar o grupo, uma linha de pesquisa foi aberta pensando justamente nesse lugar de “escuta” (no sentido, digamos, psicanalítico do termo) de outras escritas que não a alfabética ou alfanumérica à qual estamos habituados (figura 3). As pesquisas da autora continuaram nessa área e recentemente ela defendeu seu doutorado na Faculdade de Educação da UFMG.⁹ Ademais, o caminho aberto pela pesquisa hoje tem se mostrado fecundo no campo do design, sobretudo quando se fala da junção entre design e antropologia e de decolonização do pensamento acadêmico.



Figura 3: Catálogo em ficha
Fonte: SILVA, 2017.

Depois de um breve intervalo de tempo, em 2022 acontece a defesa de Yasmine Ávila Catarinozzi da Costa. Sua dissertação, intitulada *Design e memória gráfica mineira: um estudo da revista Bello Horizonte (1933-1950)*, reforça a posição do grupo com pesquisas em arquivos públicos e acervos gráficos, dialogando com o método e as práticas que giram em torno da chamada memória gráfica brasileira (figura 4). Nesse sentido, vale mencionar a parceria do PPGD-UEMG com o professor Marcos da Costa Braga, que tem, desde 2016, juntamente com as professoras Maria Regina Álvares Correia Dias e Marcelina das Graças de Almeida, ministrado no programa a disciplina História Social do Design em Minas Gerais. Essa disciplina rendeu dois livros eletrônicos publicados pela

9 Cf. a tese de Paula Cristina Pereira Silva, *Xi hōnhã? E agora? Vamos ser pesquisadores: um fazer pesquisa tikmũ'ün entre múltiplos seres, saberes e fazeres*, defendida, em 2022, no Programa de Pós-graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Editora UEMG. No volume II encontra-se o artigo “O design gráfico das capas da Revista Bello Horizonte dos anos 1933 a 1936”, de Yasmine Ávila Catarinozzi da Costa.¹⁰

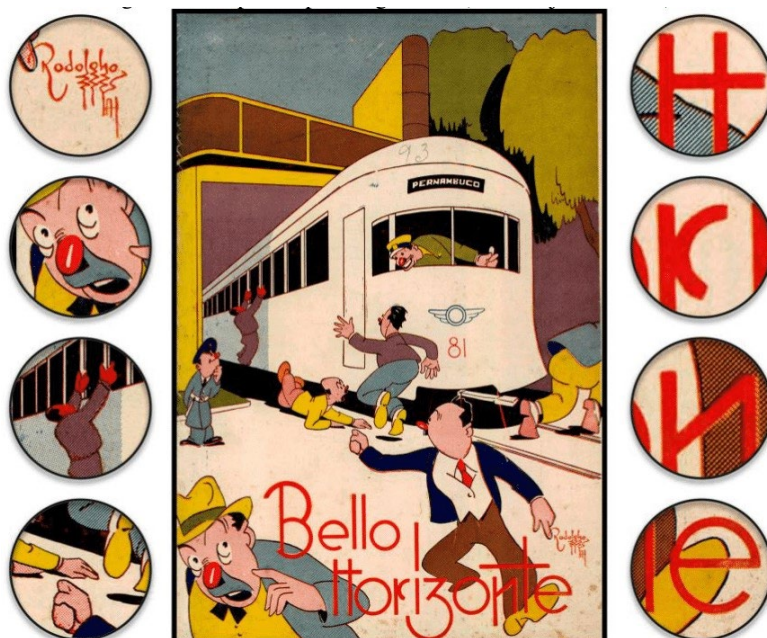


Figura 4: Análise Gráfica da Revista Bello Horizonte
Fonte: COSTA, 2022.

Em andamento, encontram-se as seguintes pesquisas de mestrado: *O ensino da produção gráfica: estudo das metodologias de cursos superiores e tecnólogos em design gráfico com vistas à construção de um instrumento que potencialize a aprendizagem*, de Joana Maria Alves da Cruz. Trata-se de uma investigação que aborda o campo das tecnologias de impressão disponíveis no mercado, a fim de apurar como essas tecnologias são ensinadas em cursos de design do Brasil. A intenção é fazer um apanhado de currículos de diversas instituições de ensino de design no país, para que, a partir desse diagnóstico, um novo instrumento didático possa ser proposto.

Outra dissertação em andamento é a de Ana Cláudia Campos da Cunha Mello, *Design, memórias e arquivos públicos em Belo Horizonte: ditadura civil-militar de 1964 a 1968*. Novamente, uma entrada pelos arquivos públicos da cidade de Belo Horizonte, desta vez, porém, com a temática da ditadura, seus trâmites e modos de registrar a memória. Um resgate oportuno, realizado com o esmero de uma pesquisadora que, ainda na Iniciação Científica, contribuiu muito para a divulgação do trabalho do grupo, com uma pesquisa que tinha como objeto uma gaveta de ornamentos gráficos centenária, pertencente ao acervo do Laboratório de Tipografia da Escola de Design.¹¹

Mais uma dissertação em curso, esta em fase final, é a da aluna Amanda Ardisson Bento, intitulada *Letras do litoral: uma análise da tipografia vernacular da Grande Vitória*. Esta pesquisa reforça a entrada do grupo no tema dos pintores letristas e seus letreiramentos, iniciada com a dissertação de Emerson Eller, mencionada acima. Além de expandir o trabalho para outro estado (no caso, o Espírito Santo), Amanda Bento trouxe consigo a experiência de aluna pesquisadora do Laboratório de Design: História e Tipografia – LadHT, da Universidade Federal do Espírito Santo, que possui

¹⁰ <https://editora.uemg.br/component/k2/item/224-historias-do-design-em-minas-gerais-ii#capitulos>

¹¹ https://et-8.ualg.pt/atas/8ET_ACTAS_PROCEEDINGS.pdf e <https://www.editora.ufmg.br/#/pages/ebook/837>

atividades de pesquisa e extensão relacionadas à memória gráfica brasileira e se tornou, assim, um ponto de apoio e parceria.

Amanda Monteiro Gonçalves, por sua vez, está no início de seu mestrado, com o projeto *Registros, rasuras e repertórios*: as marcas de um processo editorial, trazendo como contribuição um novo olhar sobre processos de criação, com base na crítica genética e tendo como objeto de estudo editoras contemporâneas de destaque nacional, não só pelo catálogo, mas também pela qualidade gráfica de seus projetos.

Em relação às teses concluídas, a de Iara de Aguiar Mol, *Análise iconográfica de ladrilhos hidráulicos*: proposição de parâmetros para caracterização sob a ótica do design de superfícies foi defendida neste ano de 2022 e figura como uma importante contribuição para a campo do design de superfícies, associando a ele uma leitura iconográfica e um levantamento de padrões dos ladrilhos. No mais, a tese se apoia em argumentos ligados à memória e à preservação do patrimônio.

Emerson Nunes Eller defendeu sua tese no curso de Doutorado em Belas-Artes, especialidade Design de Comunicação da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, tendo como orientador o professor Jorge dos Reis e coorientador o professor Sérgio Antônio Silva. Esta parceria entre as instituições, iniciada em 2012, ocasião em que o professor Jorge dos Reis veio a Belo Horizonte e visitou a Escola de Design da UEMG, contribui para a internacionalização do programa e gera novas oportunidades de divulgação das pesquisas do *-grafia*. A tese intitula-se *Convergências tipográficas*: uma análise crítica de impressos luso-brasileiros dos séculos XVIII e XIX como um processo para inovação em design de tipos e confirma a atuação de Eller não só na pesquisa acadêmica, mas também como designer de tipos. A ideia de redesenhar tipografias a partir da pesquisa de impressos mineiros rendeu-lhe a fonte Itacolomi (figura 5), que está entre as finalistas do Latin American Design Awards deste ano.¹² Nesse sentido, a Eller Type¹³ tem se destacado no cenário internacional, fortalecendo, assim, a vertente do grupo que trabalha com o desenvolvimento de tipografias.



Figura 5: Fonte Itacolomi
Fonte: ELLER, 2020.

12 Cf. <https://awards.latinamericandesign.org/finalistas-2022/?lang=pt-br>

13 Cf. <https://ellertype.com>

Já em relação às teses em andamento, citamos a pesquisa de Luís Eduardo Campos Morici, em fase de conclusão, com previsão de defesa para este ano de 2022. *O signo verbal na tipografia*: o conceito de valor em Saussure e o design de tipos aprofunda a teoria estudada no mestrado e novamente traz à tona um olhar original para a questão do design de tipos, com a retomada da obra saussuriana.

Juliana Martins Godin é outra pesquisadora do grupo que, no momento, está na fase de qualificação de seu doutorado. *A arte de fazer livros*: a singularidade de projetos gráficos experimentais no Brasil trabalha questões relacionadas ao universo editorial contemporâneo, em que as editoras independentes, artesanais e experimentais ganham espaço no mercado, justamente por apostarem em projetos e processos de produção diferenciados, muitas vezes valendo-se do uso da tipografia de tipo móveis.

Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto, que, no momento, coordena a Editora UEMG, também se encontra em fase de qualificação, com a tese *Design de livro enquanto práxis de mediação no contexto das novas tecnologias*. Aqui, são explorados os universos do livro digital e do livro acadêmico, com dados robustos que nos levam a pensar as oportunidades e os impasses presentes nesse nicho editorial.

Essas são, em resumo, as dissertações e teses defendidas ou em andamento no PPGD-UEMG, de autoria de membros do grupo *-grafia*. Praticamente todas renderam artigos em revistas especializadas, nacionais e internacionais, ou em livros. Algumas partiram de projetos de iniciação científica, outras se desdobraram em novas pesquisas. Com a titulação de seus membros, o grupo se fortaleceu, consolidando-se no campo dos estudos da escrita.

Considerações finais

É importante lembrar que, em determinados momentos deste artigo, referimo-nos ao design como disciplina responsável por inúmeros meios de conservação, organização e projetamento (NETO, 1981). Tendo isso em mente, cabe destacar que a prática do designer se confunde, praticamente, com uma certa universalidade observada na ação humana milenar ligada à escrita. O que justifica, sobremaneira, a justaposição entre as atividades e as conexões traçadas pelos estudos da escrita na Escola de Design.

O aperfeiçoamento dos meios de comunicação, que transitaram das paredes, praças e pergaminhos da antiguidade (CAMPOS, 1977) às telas dos atuais *smartphones*, revela, quase sempre, a necessidade da utilização de caracteres gráficos para a veiculação de ideias, conceitos, regras, leis, ou quaisquer outras formas propositivas de se transformar o verbo em algo passível de veiculação, otimização e reprodução. O percurso da escrita, que talvez encontre sua forma reprodutiva ideal a partir da revolução industrial, é, nesse sentido, análogo e complementar ao próprio estudo do design, em diversas de suas manifestações. Por isso buscou-se destacar no texto a imensa importância, tanto de uma retrospectiva compreensiva da gráfica, quanto da batalha pelo registro histórico dos ofícios colocados em cheque pela atual digitalização massiva dos processos comunicacionais.

A criação de redes gráficas (RODRIGUES, 2015) serve ao mesmo tempo como registro e metodologia fundamental para a preservação das formas gráficas de um passado recente e para a organização de novas formas de se pensar os tipos móveis. O suposto ostracismo das antigas máquinas só

revela um nível de sofisticação técnica que não exclui (talvez até expanda) a necessidade de se resgatar a compreensão das formas manuais. O designer contemporâneo, cada vez mais preso a conceitos como navegabilidade e *experiência* (NOJIMOTO, 2009), segue sendo fundamental para a construção de projetos que transcendam a funcionalidade mercadológica das plataformas e mensagens projetadas atualmente. Em termos contemporâneos, ainda que não caiba mais refletir, na maior parte das vezes, sobre *como* textos serão impressos e distribuídos, é cada vez mais importante zelar pelo conteúdo e sua adequação à forma. Os padrões formais hegemônicos que invadem as telas dos *smartphones* diariamente são projetados por designers demasiadamente comprometidos com o compartilhamento acelerado e com a criação de soluções de massa para a veiculação de mensagens (independente da pertinência dos conteúdos, supostamente criados organicamente pelos próprios usuários das atuais plataformas de internet). Talvez seja o momento de repensar essas estruturas, que nada têm de universalizantes, uma vez que ignoram as especificidades da escrita como elemento cultural. Além disso, transformam o texto em um acessório dispensável, imerso em meio a um conjunto de signos sobrepostos que valorizam (a partir dos *layouts* pré-definidos das redes e principais portais populares) um tipo de leitura dinâmica, por assim dizer, insuficiente.

É papel do designer resistir aos modelos semióticos hegemônicos e preservar a escrita – e sua ação consequente indispensável, a leitura. Os estudos apresentados neste artigo apontam para um tipo de resistência possível, que envolve a reflexão aprofundada e permanente acerca do papel da escrita, materializada em tipos reprodutíveis que não são apenas caracteres digitalizados. São peças vivas de uma atividade mais ampla – a escrita – e que devem, por isso, ser preservadas como elementos gráficos que produzem sentido. Trata-se de uma resistência, portanto, que pressupõe utilizar a palavra escrita como signo indispensável, de múltiplos interpretantes e de potência comunicacional historicamente reafirmada.

Agradecimentos

Fica aqui o registro do apoio financeiro recebido por parte dos pesquisadores, vindo das agências de fomento FAPEMIG, CAPES e CNPq e da própria UEMG, principalmente na modalidade de bolsas de estudo.

Referências

CAMPOS, Haroldo de. **Ideograma — Lógica, Poesia, Linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1977.

COSTA, Yasmine Ávila Catarinozzi da. **Design e memória gráfica mineira: um estudo da revista Bello Horizonte (1933-1950)**. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós Graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

ELLER, Emerson Nunes. **Convergências tipográficas: uma análise crítica de impressos luso-brasileiros dos séculos XVIII e XIX como um fundamento para práticas contemporâneas em design de tipos**. 2020. 322 f. Tese (Doutorado em Belas Artes) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020.

MOL, Iara Aguiar. **Análise iconográfica de ladrilhos hidráulicos: proposição de parâmetros para caracterização sob a ótica do design de superfícies**. 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Design) – Programa de Pós Graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

MORICI, Luís Eduardo Campos. **O signo verbal e o signo visual: momentos da semiose no design de tipos**. 2017. 86 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós Graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

NETO, Eduardo Barroso. **Estratégia de design para países periféricos**. Brasília: CNPq, 1981.

NOJIMOTO, Cynthia. **Design para experiência: processos e sistemas digitais**. 2009. 212 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

NÚCLEO de Tipografia - TipoLab. **Website da Escola de Design (UEMG)**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <http://ed.uemg.br/atuacoes/centros/laboratorio-de-design-grafico-ldg/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RODRIGUES, Cláudio Santos. **Design aplicado às tecnologias de rede colaborativa: projeto para difusão da memória coletiva da tipografia em Minas Gerais**. 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado em Design Gráfico) – Programa de Pós Graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, Paula Cristina Pereira. **A letra viva da floresta: a iconografia como guia do design tipográfico maxakali**. 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós Graduação em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Sérgio Antônio. Entrevista. [jul. 2022]. Entrevistadores: Ana Cláudia Campos da Cunha Mello e Vinicius Cabral Ribeiro. Belo Horizonte, 2022a.

SILVA, Sérgio Antônio. Sobre. Disponível em: <https://grupografia.wordpress.com/sobre/>. Acesso em: 6 jun. 2022b.

Sobre os autores

Sérgio Antônio Silva é professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPGD / UEMG. Coordenador do grupo de pesquisa –*grafia*: estudos da escrita, registrado no CNPq. Graduado em Letras, com mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG. Pós-doutorado em História da Cultura pela Universidade Nova de Lisboa. Autor de livros e textos esparsos.

E-mail: sergio.silva@uemg.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9285512367945785>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4801-700X>

Ana Cláudia Campos da Cunha Mello é mestranda no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPGD / UEMG. Graduada em Design Gráfico pela mesma instituição.

E-mail: accma@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5574063811408798>

Vinicius Cabral Ribeiro é mestrando no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – PPGD / UEMG. Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Newton Paiva.

E-mail: viniciuscabralribeiro@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7555280745439547>

Recebido em: 13 de agosto de 2022

Aprovado em 3 de outubro de 2022